

25 de Junho DIA DE FESTA

• mensagem do Presidente Samora Machel

Na véspera do segundo aniversário da Independência, o Presidente Samora Machel dirigiu ao Povo moçambicano a seguinte mensagem:

Moçambicanas
Moçambicanos,

Celebramos neste 25 de Junho, o 15.º Aniversário da fundação da FRELIMO, o 2.º da nossa independência nacional e criação da República Popular de Moçambique.

Celebramos simultaneamente, o momento em que a vontade de sermos livres forjou o instrumento da nossa libertação — a FRELIMO — e o momento em que se realizou a nossa condição de homens livres — a proclamação da independência.

Do Rovuma ao Maputo este dia deve ser para todos nós *um dia de festa, uma dia de alegria*. Festejemos com as nossas famílias, com os nossos amigos, festejemos nas aldeias comunais, nos bairros, em nossas casas e em toda a parte o Dia da Libertação, o Dia de Moçambique.

Esta celebração ocorre escassos meses após a realização do histórico III Congresso da FRELIMO.

Tivemos durante o nosso Congresso, ocasião de, em conjunto, analisar detalhadamente o longo caminho que nos conduziu a isto que festejamos hoje: o sermos livres, independentes.

Extraímos desse longo processo os ensinamentos e as conclusões que nos permitem escolher o que queremos ser, como iremos viver, quais os objectivos que queremos atingir; fundámos um Partido de vanguarda que nos vai guiar na construção do socialismo; definimos as tarefas e os meios que nos permitirão criar as bases materiais e ideológicas para a edificação de uma sociedade socialista.

Todos nós retivemos e assumimos a síntese valiosa que o III Congresso nos indicou: a Unidade definiu-se como nossa força principal no combate vitorioso contra o colonialismo e na conquista da independência nacional; a Unidade permitiu-nos a edificação de um Estado em que o Povo está no poder, em que os interesses das largas massas determinam e dinamizam a acção governativa.

Nesta medida impõe-se a todos nós o maior engajamento e energia na aplicação do Programa e das Directivas Económicas e Sociais do III Congresso.

Devemos intensificar a estruturação e organização do Partido. A realização das Conferências Pro-

vinciais constitui mais um passo nesse sentido. Devemos apoiar a consolidação das organizações de massa como a Organização da Mulher Moçambicana, a Organização da Juventude Moçambicana e devemos acelerar a criação de novas organizações de massa, particularmente a nível dos trabalhadores.

A criação das aldeias comunais, das cooperativas de produção e de consumo, dos Conselhos de Produção e das empresas estatais deu-nos já a certeza da nossa capacidade de criarmos novas relações de produção. São já consideráveis os passos que demos para a libertação da nossa economia.

Estas são algumas das realizações dos dois anos de independência que estamos a comemorar. A elas se juntam a recuperação da terra, as nacionalizações dos serviços de saúde, da educação, dos prédios de rendimento e o controlo de vários sectores-chaves da nossa economia.

A eles se juntam o combate eficaz à criminalidade, à prostituição à vadiagem, ao alcoolismo e a todas as sequelas e vestígios da sociedade feudal e colonial-fascista.

Iniciámos ainda, o lançamento do processo da destuição da mentalidade burocrática e anti-popular na função pública e a edificação de um Aparelho de Estado que sirva os interesses de classe da aliança operário-camponesa.

Vivemos contudo sérias dificuldades e insuficiências que importa referir para melhor as compreender e mais facilmente ultrapassá-las.

O nosso processo de reconstrução nacional foi duramente afectado pela ocorrência de várias calamidades naturais. Delas salientamos as cheias devastadoras nas bacias do Limpopo e do Incomati e as secas em Cabo Delgado.

A enormidade dos danos materiais e perdas humanas foi agravada pela natural fraqueza das nossas reservas alimentares e dos nossos meios de subsistência.

Contudo, a determinação do nosso povo e a solidariedade internacional permitiram-nos responder à dura provação.

De acordo com as orientações do III Congresso preparamo-nos neste momento para finalizar acordos internacionais para a...

...IA DE ALEGRIA

obras que vão regularizar o curso do Limpopo e transformar a força destrutiva das suas cheias em nosso aliado principal no combate à fome.

Enfrentamos também dificuldades a nível dos abastecimentos. No início deste ano começámos a verificar a carência de alguns artigos essenciais de consumo. Faltava arroz, faltava açúcar, faltava carne.

Essas carências determinaram depois a falta de farinha, massas alimentícias, leite condensado, conservas, galinha e peixe. As longas bichas, muitas vezes formadas de véspera, passaram a ser um espectáculo comum nas nossas cidades.

Na primeira análise que fizemos concluímos que a situação resultava do desmoronamento das estruturas colonialistas de distribuição. Na realidade, desde o importador e o grossista até ao retalhista, o sector estava em crise.

Logo depois do III Congresso, criámos uma comissão especial, directamente dependente da Presidência da República para resolver o problema dos abastecimentos.

Todos nós nos congratulamos com os bons resultados tão rapidamente conseguidos por esta Comissão Nacional dos Abastecimentos. Contudo temos plena consciência de que esta nossa vitória é parcial. A solução final do problema dos abastecimentos passa pela realização integral das Directivas Económicas e Sociais do III Congresso. Passa pelo aumento da produção e produtividade e pela planificação correcta da utilização dos meios de produção e dos transportes. Passa pela disciplina do consumo.

Entretanto novos dados nos obrigaram a aprofundar a nossa análise. Detectámos que a crise resultava de actos sistemáticos de sonegação de produtos, açambarcamento e especulação em larga escala. Concluímos que a crise de abastecimentos resultava da actuação inimiga, dentro de um plano bem programado e coordenado pelas centrais do imperialismo.

De acordo com esse plano, a falta de produtos essenciais aliada a uma vertiginosa subida de preços, constituiria um forte elemento de instalação que iriam explorar para desacreditar o nosso poder, destabilizar a nossa ordem interna e destruir a nossa Revolução.

Foi assim no Chile.

É esta a preparação que estava em curso em Angola.

Mas no caso de Moçambique o imperialismo combina a poderosa arma de subversão económica com a agressão militar aberta e permanente.

Tivemos há dias ensijos de comunicar à Nação o

trágico balanço das agressões do regime minoritário e ilegal de Ian Smith ao nosso país. E nessa ocasião transmitimos as decisões do Comité Central da FRELIMO e do Governo da República Popular de Moçambique em relação à situação criada.

Estamos bem claros sobre os motivos que levam o inimigo a mobilizar tantos meios na tentativa de nos destruir. O que o inimigo quer pôr em causa não é só a nossa capacidade e a nossa determinação de apoiarmos a luta justa do povo irmão do Zimbabwe.

O que está em causa são as conquistas revolucionárias do nosso povo, o que está em causa é a via que livremente escolhemos para o nosso desenvolvimento.

O que está em causa é o entusiasmo e a alegria com que o nosso povo celebra este dia, o 25 de Junho.

O que está em causa é a nossa liberdade e a nossa independência.

O povo moçambicano tem sempre bem presente os enormes sacrifícios e o preço de sangue que importou a conquista da liberdade e independência. Estamos por isso determinados a defender a soberania e integridade da nossa pátria.

Queremos saudar aqui as Forças Populares de Libertação de Moçambique, com determinação rechacem as contínuas agressões e violações das nossas fronteiras.

Queremos saudar os trabalhadores que nas zonas de combate, frente a brutalidades e massacres, cumprem, num heroísmo quotidiano as tarefas da reconstrução nacional.

Saudamos o povo trabalhador em geral que nas várias frentes de produção compreende que a batalha do aumento da produção e produtividade é um combate decisivo. O povo trabalhador que contribuindo muitas vezes com extremo sacrifício para o Banco de Solidariedade assume o dever internacionalista de apoiar a luta de libertação do Zimbabwe.

Saudamos ainda a crescente solidariedade internacional que nos apoia e nos estimula a prosseguirmos o combate pela consolidação da nossa independência.

Moçambicanas
Moçambicanos,

A alegria com que comemoramos este 25 de Junho é a alegria dos que combatem e têm a certeza da vitória. A alegria dos que sabem e assumem profundamente as razões do combate.

Desejamos a todos as maiores felicidades e sucessos neste dia de festa.

A LUTA CONTINUA!

TEMPO